O FLORIOSO

(Versão colhida em Lagarto - SE por Silvio Romero e publicada inicialmente em 1888).

- [1] — Entre pedras e peneiras,
Senhora, vamos a ver;
Menina, que estais na fonte,
Dai-me água para beber.
- [2] “Com licença do Senhor,
E da Senhora da Guia,
Dizei-me, senhor mancebo,
Se vindes de companhia?”
- [3] — A companhia que trago
Já vos digo na verdade;
Venho divertir o tempo,
Que é coisa da mocidade.
- [4] “É coisa da mocidade,
Bem já me parece ser;
Dizei-me, senhor mancebo,
Se sabeis ler e escrever.”
- [5] — Eu não sei ler e escrever,
Nem mesmo tocar viola;
Agora quero aprender
Na vossa real escola.
- [6] “Escola tenho eu de minha
Nange pr’a *negro* aprender;
Juízo te dê Deus,
Memória para saber.”
- [7] — Nessas malvadas esquinas
Faz-se ausência muito mal;
Eu sempre pensei, senhora,
Que vós me querieis mal.
- [8] “Quanto a mim eu não te quero,
N’alma, nem no coração;
A ti eu só te peço, negro,
Que não me toques na mão.”
- [9] — Nas mãos eu não vos toco,
Nem mesmo bulo convosco;
Quero estar a par de vós,
Pois eu nisto levo gosto.
- [10] “Se tu nisto levas gosto,
Desgostas por vida tua,
Que esta rosa que aqui está
É de outro e não é tua.”
- [11] — Se é de outro e não é minha
Inda espero que há de ser;
Menina, diga a seu pai
Que nos mande receber.
- [12] “Tais palavras eu não digo
Que inda sou muito escusada,
Pois eu sou menina e moça,
Não sou para ser casada.”
- [13] — Inda mais moças que vós
Regem casa e têm marido;
Assim há de ser, menina,
Quando casardes comigo.
- [14] “Mas eu não hei de casar,
Porque não hei de querer,
Eu não me meto a perigosas,
Quando vejo anoitecer...”

CONTINUA NO VERSO...

O CEGO

(Versão colhida em Lagarto - SE por Silvio Romero e publicada inicialmente em 1888).

- [1] Sou um pobre cego,
Que ando sozinho,
Pedindo uma esmola
Sem errar o caminho.
- [2] — Aqui está um cego,
Pedindo uma esmola,
Devotos de Deus
E de Nossa Senhora!
- [3] “Minha mãe, acorde
Do seu bom dormir,
Que aqui está um cego
A cantar e a pedir.”
- [4] “Se ele canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Para o pobre cego
Seguir seu caminho.”
- [5] — Não quero o seu pão,
Nem também seu vinho,
Só quero que Ana
Me ensine o caminho.
- [6] “Ana, larga a roca
E também o linho;
Vai com o pobre cego
Lh’ensina o caminho.”
- [7] “Já larguei a roca
E também o linho;
Já me vou com o cego
Ensinar o caminho.”
- [8] “O caminho aí vai
Muito bem direitinho,
Se fique aí;
Vou fiar meu linho.”
- [9] — Caminha, menina,
Mais um bocadinho;
Sou cego da vista,
Não vejo o caminho.
- [10] “Caminhe, senhor cego,
Qu’isto é bem tardar;
Quero ir me embora,
Quero ir me deitar.”
- [11] — Aperta as passadas
Mais um bocadinho;
Sou cego da vista,
Não vejo o caminho.
- [12] “Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me era.
- [13] “Adeus, minha pátria,
Adeus, gente boa;
Adeus, minha mãe,
Que me vou à toa.
- [14] “Valha-me Deus,
E Santa Maria,
Qu’eu nunca vi cego
De cavalaria!”

CONTINUA NO VERSO...

[1] — Se eu me fiz cego,
Foi porque queria;
Sou filho de conde,
Tenho bizzarria.

[1] — Cala-te, menina,
Deixa de chorar;
Tu inda não sabes
O que vais gozar.

[17] “Deus lhe dê bons dias,
Senhora vizinha;
Esta meia-noite
Me fugiu Aninha.”

— Deus lhe dê os mesmos,
[18] Senhora vizinha;
De cara bem feia
Três filhas que tenho
Vou pô-las na peia.”